

ESCREVER CARTAS É PRATICAR UMA LITERATURA MENOR? A ESCRITA DE SI DE ANITA MALFATTI

MARILDA IONTA¹

Deleuze e Guattari criaram um conceito estético que denominam de literatura menor. Em que consiste essa Literatura menor? Dizem eles,

As três categorias da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual com o imediato político, o agenciamento coletivo de enunciação. O mesmo será dizer que “menor” já não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de qualquer literatura no seio daquela a que se chama grande (ou estabelecida). (Deleuze; Guattari, 2003: 41-42)

Para os autores, a literatura menor está ligada a desterritorialização da língua, a uma língua que uma minoria constrói no interior de uma língua maior, como o alemão de Praga, o francês marroquino e o inglês indiano. Vale dizer que não se trata de uma literatura de um grupo geográfico, social e culturalmente delimitado, mas da criação de uma língua forjada em condições minoritárias. A segunda característica da literatura menor é seu caráter individual e político, nela tudo é político. Como nos fazem crer os autores,

o seu espaço, exíguo, faz com que todas as questões individuais estejam ligadas imediatamente à política. A questão individual ampliada ao microscópio torna-se muito mais necessária, indispensável, porque outra história se agita em seu interior. (Deleuze; Guattari, 2003: p. 39)

Por fim, o terceiro e último aspecto da literatura menor, segundo os pensadores, é sua dimensão coletiva: “tudo toma um valor coletivo”, “Não há sujeito, só há agenciamento coletivos de enunciação” (Deleuze; Guattari, 2003: p. 1). Deleuze e Guattari encontram em Kafka o caso mais paradigmático dessa produção literária. Kafka é um tcheco-judeu que não escreve nem em tcheco (língua da pátria), nem iídiche (língua da comunidade judaica). O escritor serve-se de uma língua alemã que não é a oficial, ou seja, aquela ensinada nas escolas e que engendra as ideologias da nação. Kafka utiliza uma língua misturada composta de tcheco com iídiche, ele recria a língua de tal forma que os alemães, enquanto cidadãos pertencentes a uma pátria, não se reconhecem em sua escritura.

¹ Professora da Universidade Federal. Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas e pós-doutorada pela Universidade de Coimbra em Portugal.

Assim, a linguagem de Kafka estilhaça no interior da própria língua a identidade e ideologia da nação. Disso resulta o caráter eminentemente político da literatura kafkaniana, pois não se trata de representar algo ou alguém, não é a representação da realidade constituída ou das demandas dos excluídos como é o caso do bandido, do vagabundo, do louco, entre outros, tratados pejorativamente pela língua oficial. Trata-se de uma literatura que não tem um público *a priori*, um grupo de leitor já formado que se reconhece na escrita. Para esses pensadores, o objetivo da literatura menor é criar uma nova expressão, a expressão de uma comunidade por vir; ela é uma “máquina de expressão”, como afirma Deleuze, e seu compromisso não é representar o mundo, mas intervir nele, produzir novas sensibilidades e intensidades. Por isso, na literatura menor conjura-se à metáfora em prol da metamorfose. Na metamorfose, escrevem os autores,

já não há sentido próprio nem figurado, mas uma distribuição de estados no leque da palavra. A coisa ou as outras coisas são apenas intensidades percorridas pelos sons ou pelas palavras desterritorializadas conforme linhas de fuga. Não se trata de uma semelhança entre o comportamento de um animal e o do homem; e muito menos de um jogo de palavras. Já não há homem nem animal, visto que cada um desterritorializa o outro, numa conjunção de fluxos, num continuum reversível de intensidades. (Deleuze; Guattari, 2003: 47-48)

É para produzir esse efeito de intensidades que Kafka, como outros autores da literatura moderna, buscaram transpor os limites da linguagem, ou seja, para capturar os espectros, algo que não se pode falar, mas que criam efeitos de realidade enquanto vivência. Como aponta Schollhammer, “esse mundo além dos conceitos, para além da representatividade, é o lugar da “vitalidade anônima e de intensidade sem sujeitos” (Schollhammer, 2001: 64). É o fora da Literatura para utilizar uma expressão de Maurice Blanchot; são experiências-limite, experiências (des)individualizantes que possibilitam desprender-se de si mesmo, arrancar-se de si de tal forma que se possa sair dessas experiências transformado. Para alguns autores, com Deleuze, Guattari, Blanchot, Barthes, Derrida e Foucault, a morte do autor apaga as características individuais para que agenciamentos coletivos apareçam; “a marca do escritor não é mais que a singularidade de sua ausência”.

Para Foucault, a escrita moderna está ligada ao sacrifício da própria vida, há uma relação da escrita com a morte na literatura moderna. Diz ele: “A obra que tinha o dever de conferir a imortalidade passou a ter o direito de matar, de ser assassina do seu autor. Veja-se o caso de Flaubert, Proust, Kafka. Mas há ainda outra coisa: esta relação da

escrita com a morte manifesta-se também no apagamento dos caracteres individuais do sujeito que escreve, ele retira a todos os signos a sua individualidade particular; a marca do escritor não é mais do que singularidade da sua ausência” (Foucault, 1992: 36).

Assim, a literatura menor visa transpor, transgredir os limites da linguagem e tem como objetivo forjar novas sensibilidades. Nesse sentido, o menor é o revolucionário, porque abre possibilidade de modos possíveis de vir a ser, de criar devir minoritários e contra hegemônicos. Portanto, “*se o menor é que é grande e revolucionário*”, deve-se repudiar qualquer literatura de mestres e de senhores. (Deleuze; Guattari, 2003: 54)

Neste texto, supõe-se que o dispositivo revolucionário apontado pelos autores como menor, que mina, corroi, desterritorializa e desafina politicamente o “coro dos contentes”, provocando dissonância no modo de ser e estar dos indivíduos em sociedade pode ser encontrado na literatura epistolar, nessa espécie peculiar de escrita de si.

Minha hipótese é que a literatura de si oriunda das correspondências pessoais pode ser tão transgressiva quanto aquela que visa transpor o limite da linguagem, pois, nesse caso específico, trata-se de reinventar a si mesmo na e pela escrita cotidiana. Em outras palavras, na literatura de si das cartas pessoais é possível transpor o limite do que somos no espaço do “entre”, ou seja, do espaço intersubjetivo da troca epistolar e da amizade. O espaço do “entre” pode ser interpretado a partir da metáfora da pele, de uma superfície de contato que rompe com dualidade do par interioridade/exterioridade tão propalada pela filosofia da consciência.

Portanto, a literatura epistolar pode ser entendida no sentido apontado por Michel Foucault, ou seja, como *work in progress*, como uma escrita de incompletude, como uma tentativa permanente de desprendimento de si e autorreconstrução incessante. Acredita-se que esse gênero narrativo que guarda a dualidade de dois sujeitos – do enunciado e da enunciação – cria possibilidades para o que o indivíduo construa novas poéticas de si.

A escultura si nas redes da amizade e da escrita epistolar: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade

As teorias de base pós-estruturalista e, em especial, as teóricas feministas deixaram evidente que o indivíduo se produz a partir de práticas cotidianas que ele dirige sobre si

mesmo. Michel Foucault denominou essas práticas de “tecnologias de si”, isto é, um conjunto de técnica que:

permiten a los individuos efectuar, por cuenta propia o con la ayuda de otros, cierto número de operaciones sobre su cuerpo y su alma, pensamientos, conducta, o cualquier forma de ser, obteniendo así una transformación de si mismos con el fin de alcanzar cierto estado de felicidad, pureza, sabiduría o inmortalidad. (Foucault apud MOREY, 1990: 48)

Ao estudar a história das tecnologias de si, na Antiguidade Ocidental, Michel Foucault sublinhou o importante papel desempenhado pela escrita e leitura na constituição autônoma dos indivíduos, ou seja, como técnicas de subjetivação. Assim, a escrita é uma técnica de si, uma ascese e associa-se a uma Estética da Existência, ou seja, é um exercício sobre o corpo e alma que visa à construção de uma vida dotada de valores éticos que responda a critérios estéticos. A fórmula é a seguinte: a escrita é uma ascese com função etopoética, ela funciona como um operador de verdade em ethos. Como escreve Foucault,

askesis, no sentido que os filósofos gregos e romanos davam a este termo – tinha por papel e por função estabelecer um vínculo entre o sujeito e a verdade, vínculo tão sólido quanto possível, e que permitisse ao sujeito, quanto tivesse atingido sua forma acabada, dispor de discursos verdadeiros que ele devia ter e conservar à mão e que podia dizer a si mesmo a título de socorro e em caso de necessidade. Portanto, a ascese – e é este o seu papel – constitui o sujeito como sujeito de veridicção. (Foucault, 2004: 449)

De acordo com Foucault, o exercício ascético mediante a escrita na Antiguidade tem duas formas a saber: os *hypomnematas* e as *correspondências*. Os *hypomnematas* são suportes de lembranças das coisas ditas e ouvidas, cadernos de anotações que servem de auxílio para memória. Em grego tem um sentido amplo “designa todo comentário ou forma de memória por escrito. Mas pode ainda designar notas e reflexões pessoais, tomadas no dia-a-dia, sem que se trate necessariamente de citações”. (Foucault, 2004: 445-446). Os primeiros são cadernos de anotação, leitura e redação para uso pessoal. Por sua vez, a correspondência – um texto por definição destinado ao outro – ajuda o indivíduo a aperfeiçoar-se, estimulando, tanto o destinatário quanto o remetente, a avaliarem cuidadosamente os fenômenos que acontecem em suas vidas cotidianas e também auxilia na avaliação do que se passa na alma e no corpo do sujeito que escreve e daquele que lê. (Foucault, 1992)

Em seu conhecido texto, *A escrita de si*, Foucault aponta o duplo papel desempenhado pela correspondência, ou seja: na subjetivação do discurso verdadeiro, em sua

assimilação, e na objetivação da alma entendida como uma abertura de si (Foucault, 1992). Entre os gregos e os romanos a escrita e a leitura é “uma atividade importante de cuidados de si e cuidados dos outros” (Foucault, 2004: 435). É bom ressaltar que, o princípio grego e romano de cuidar de si está longe do culto narcisista que conhecemos hoje nas sociedades capitalistas contemporâneas onde impera um individualismo liberal burguês.

Na Antiguidade cuidar de si não é uma prática de isolamento e solidão, mas uma atividade realizada com auxílio do outro, que pode ser um amigo, um mestre, um diretor; cuida-se de si não para fugir do mundo, mas para agir nele como se deve, isto é, com ética. Essa prática visa estabelecer uma relação de retidão entre ações e pensamento, pois é preciso agir corretamente segundo princípios considerados verdadeiros, de tal sorte que o conhecimento sobre si sirva para medir os avanços na constituição de um eu de ação ética. Assim, é preciso cuidar de si para cuidar dos outros. “A *epiméleia heautoû* é uma atitude – para consigo, para com o outro, para com o mundo” (Foucault, 2004:14). Portanto, a prática do cuidado de si na Antiguidade Clássica liga-se a uma ação política; no modelo socrático-platônico, ela inscreve-se no interior de um horizonte político e também de déficit pedagógico como aparece no diálogo de Alcebiades analisado por Foucault, em seu curso de 1982, no Collège de France, editado como *Hermenêutica do Sujeito*.

Nos séculos I e II toda uma prática de leitura – anotação – redação irá florescer, o si é algo sobre o qual se pode escrever. Foucault sublinha que escrever sobre si é uma tradição remota no Ocidente, ela já estava enraizada quando Santo Agostinho escreveu suas Confissões. Segundo o filósofo, a escrita de si não é uma prática que nasceu com a Reforma e tampouco é produto do Romantismo (Foucault, 2004).

Contudo, é preciso ressaltar que a atividade de escrita e de leitura na modernidade, em especial a escrita epistolar ganhou contornos próprios nesse contexto, pois a experiência de si mudou de estatuto. Cumpre dizer que os gregos e romanos não viam o “si mesmo” como uma “alma substância” aprisionada pelo corpo, mas uma alma “sujeito de ação” que poderia ser moldada, esculpida, um si mesmo dotado de plasticidade e não de interioridade (Foucault, 2004: 71). Desse modo, a escrita liga-se a uma estetização da existência, a elaboração de uma vida bela, dotada de critérios éticos e estéticos.

No longo intervalo que separa a Antiguidade da modernidade aconteceu o cristianismo. Como escreveu Foucault, com Santo Agostinho passamos de “um regime no qual, justamente, a relação do sujeito com a verdade não será apenas comandada pelo objetivo: ‘como tornar-se um sujeito de veridicção’ mas como dizer, descobrir a verdade sobre si mesmo” (Foucault, 2004: 435). Ao longo desse processo de instalação da interioridade e da introspecção emerge um sujeito moral que está separado de si mesmo por um segredo, e mais do que isso, esse sujeito tem a tarefa impossível de descobrir a verdade de si. Nesse percurso histórico o conhecimento de si colonizou a noção de cuidado de si, pois o sujeito de ação correta na Antiguidade foi substituído, no ocidente moderno, pelo sujeito do conhecimento verdadeiro subordinando o cuidado ao conhecimento de si (Foucault, 2004).

Essa digressão a Antiguidade clássica permite compreender as rupturas da escrita de si no interior da sociedade burguesa, sobretudo compreender, por exemplo, por que nas correspondências de Lucílio, Sêneca e Epicuro a autobiografia, a descrição de si mesmo no desenrolar da própria vida, tem pouca interferência; ao contrário das cartas produzidas na modernidade. No interior da cultura burguesa a noção da alma como uma substância aprisionada pelo corpo já está consolidada. Essa modalidade de experiência de si onde alma substância/essência deve ser revelada é correlata de uma escritura de introspecção, de vigilância, como nos dão a ler, por exemplo, a correspondência pessoal do escritor modernista brasileiro Mário de Andrade, verdadeiro cultor da epistolografia no Brasil.²

Em carta de 22 de janeiro de 1943, Mário de Andrade pede desculpa a sua amiga, a poeta mineira Henriqueta Lisboa, por ser tão confessional e escreve: “às vezes eu me aproveito dos meus amigos pra pôr certas coisas bem a limpo, porque escrevendo eu pareço penetrar mais fundo em mim. A escrita visual me obriga a uma lógica mais inflexível. Pelo menos mais nítida.”(Arquivo Mário de Andrade, IEB- USP). Nesse relato de si, a autobiografia ocupa um lugar central, a escrita torna-se um exercício

²Mário de Andrade (1893-1945) é um dos grandes nomes da intelectualidade brasileira. Poeta, ensaísta, crítico e ficcionista, musicólogo, folclorista, teórico de arte, professor, jornalista, líder do Movimento Modernista de 22, Mário foi também um verdadeiro cultor da epistolografia. Mário mantinha correspondência com escritores, artistas plásticos, músicos e muito outros atores sociais que povoaram seu contexto histórico. Segundo Antônio Cândido, sua correspondência ativa pode-se igualar, no que se refere ao valor, aos grandes autores da epistolografia universal. Sua correspondência passiva contém 6951 documentos e a ativa 602.

privilegiado para que o intelectual realize uma arqueologia de si mesmo. As cartas do escritor, assim como as demais produzidas na modernidade, carregam o peso da introspecção, da interioridade e da autoconsciência que acompanham o sujeito moderno.

Na modernidade, a correspondência tingida pela reflexão, introspecção, interioridade e intimidade tensionam as fronteiras exibição/contenção, presença/ausência, proximidade/distância, fala/escrita, realidade/ficção, dentro/fora. Creio que os paradoxos das cartas são correlatos dos modos de produção de subjetividade do indivíduo moderno. Nesse sentido, elas são fontes fecundas para problematizarmos a produção de subjetividades nas sociedades intimistas e a apontar a fragilidade do eu moderno dotado de coerência e unidade. Além disso, a gramática da escrita epistolar e sua peculiaridade permitem capturar instantes fugidios, processos de metamorfose pessoal, momentos em que é possível visualizar vetores que conjugam simultaneamente movimentos de desprendimentos de si e autoelaboração que são realizados no espaço intersubjetivo da escrita epistolar e da amizade.

Assim, o caráter móvel, fluído, rizomático e tensor da escrita epistolar a aproxima de uma espécie de literatura menor, no sentido apontado por Deleuze e Guatarri, como indicam, entre outros exemplos da literatura epistolar, as cartas pessoais, privadas e íntimas da artista plástica paulista Anita Malfatti³ endereçadas ao escritor Mário de Andrade. Entre os anos de 1923 e 1928, durante sua temporada de estudos artísticos em Paris, Anita escreveu um conjunto de cartas que permitem ver esse o *work in progress* contido nas correspondências.

As missivas trocadas com o escritor exibem uma mulher múltipla, vibrátil, que escapa aos contornos definidos de vítima e de heroína traçados pela imprensa e pela história oficial do Modernismo no Brasil. Esses discursos tradicionais criaram uma história narrativa monumental e obesa que aprisionou a identidade da artista; neles Anita

³ Filha de imigrantes italianos e alemães, a pintora Anita Malfatti (1889-1964) foi um figura importante na história do Modernismo no Brasil. Anita e sua exposição de 1917/18 permaneceram para os modernistas brasileiros como um exemplo de pioneirismo de arte moderna. A *sensitiva exaltada*, como dizia Mário de Andrade, a respeito da personalidade da amiga, foi a primeira artista plástica com quem o escritor paulista manteve uma correspondência assídua e constante. A correspondência de ambos utilizadas neste artigo encontra-se arquivada no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. A troca epistolar entre eles data de fins de 1921 até meados de 1939. As cartas correspondem ao afastamento da pintora de São Paulo por ocasião de seus estudos artísticos em Paris. Por sua vez, a ida de Mário para o Rio de Janeiro, em 1938, ensejou uma segunda fase na troca epistolar dos amigos (1938-1939).

aparece ora como a grande artista pioneira do Modernismo na sociedade brasileira, ora como vítima da crítica demolidora do escritor Monteiro Lobato, que entendeu suas pinturas expressionistas como paranóia e mistificação.

Na primeira semana de sua exposição individual de Pintura Moderna, Anita Malfatti é surpreendida por um artigo demolidor, publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 20 de dezembro de 1917, pelo escritor Monteiro Lobato. O intelectual, amplamente reconhecido no campo da cultura nacional, enquadrava Anita na anormalidade, como artista que olhava o mundo estrabicamente, à luz de teorias efêmeras surgidas da degradação de uma cultura excessiva. De acordo com alguns relatos históricos, Anita não se recuperou desse golpe pelo resto de sua vida, o que originou uma rota artística menos ousada.

As cartas da pintora rompem com essas representações, nelas sobressai um ser em processo, em gestação, talhado por diversas linhas de força que se cruzam. Anita cria em sua escrita epistolar várias imagens de si. Em sua escrita íntima vê-se a artista embuída das forças modernas, defrontando-se com as forças incipientes da artista clássica; a mulher frágil, disputando lugar com o vigor da pintora dona-de-si; a moça que tem medo da vida, chocando-se com o esforço da mulher adulta e religiosa que não tem medo da morte; e a amiga carinhosa e dócil, pleiteando seu lugar com a amiga selvagem, aquela que insiste em transgredir os limites da amizade e que deseja possuir o corpo do amigo Mário de Andrade. Enfim, na literatura de si produzida pela artista não há uma identidade fixa, mas a apresentação de subjetividade móvel e fluida.

Nas cartas de Anita Malfatti endereçadas a Mário de Andrade, os bacilos de construção e desconstrução de sua subjetividade estão presentes, nelas a pintora escapa dos contornos identitários da grande modernista exaltada e expõe um ser em devir, em metamorfose. Nas linhas de suas missivas encontram-se um contrapoder que rompe com as sujeições e as imagens tecidas historicamente da artista. Em Paris, momento em que escreveu suas cartas, ela viveu uma nova experiência que implica *mortis e vitae* ao mesmo tempo. Escrevendo-se, escavando sua história e sua memória, Anita Malfatti torna-se uma “asceta do sentimento” e, como asceta é um é um ser movimento.

Nesse sentido, ele não participa plenamente nem de uma subjetividade – a que deixa para trás, mas que ainda não foi superada – nem da nova subjetividade – aquela que não

está presente, mas que está por vir, está no horizonte. Como asceta se movimenta sempre entre a identidade desconstruída e a ser construída.

Dessa condição entre ser e estar podem-se fazer usos políticos bastante interessantes como Kafka fez do alemão de Praga e como Anita Malfatti realizou consigo mesma em suas cartas. Essa condição de permanente desterritorialização de si permitiu à pintora construir uma nova poética para si mesma. Em sua correspondência Anita esboçou a forma e a cor de eu “nômade” dando visibilidade ao eu forma, um eu acontecimento, um eu como tarefa a ser realizada.

Em carta de 18 de julho de 1924, ela escreve a Mário dizendo: “Não sei mais de ninguém só eu mesma vivo como um judeu errante” (Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP). Ao dar notícias de seu cotidiano, suas cartas capturam pontos fugidios do movimento que transformou a moça encantada pelas pinturas modernas na mulher entusiasmada pela arte popular. Aquela que abandonou o conforto do grupo modernista paulista, não aderindo ao nacionalismo expressionista de seus companheiros, pela insegurança de um andarilho garantindo sua liberdade e a realização dos seus próprios desejos (Ionta, 2007).

Em sua escrita epistolar Anita dissolve-se, (des)individualizando-se e dá visibilidade a uma experiência feminina comum, pois o enredo de sua narrativa de si é o da dor, da luta e do árduo processo de uma mulher que desejava pertencer a si mesma durante as primeiras décadas do século XX no Brasil. Momento no qual as mulheres eram alvos privilegiados dos discursos moralistas, médicos e das elites políticas higienista que visavam à “utopia da cidade disciplinar”, como apontou a historiadora Margareth Rago (1997).

Ao esvaziar sua individualidade, Anita se singulariza, pois a leitura de suas missivas nos remete as experiências femininas de resistências, nos leva a pensar em nossa atualidade e nas lutas empreendidas pelas mulheres e sobre os caminhos de todas aquelas que ousaram desafiar, mesmo de maneira leve e com volume reduzido, as subjetividades impostas pelo Estado, a Família e a Igreja. Daí o caráter eminentemente político que pode ser extraído de sua escrita de si. Vale dizer que em sua correspondência com Mário de Andrade, cuja tônica é a amizade que os unia, Anita Malfatti escreveu nas

linhas tortas da vida um belo poema, digno de lembrança e registro na história das artes e das mulheres no Brasil.

Para finalizar, cumpre reafirmar que as correspondências são documentos profícuos para problematizar a subjetividade, não porque elas oferecem o “eu” autêntico das personagens, mas por permitirem apreender os indivíduos em sua construção móvel, fluida e nômade; os valores aos quais se recorre para avaliar suas ações e pensamentos; as relações que as pessoas estabelecem consigo mesmas e com seu destinatário amigo. Enfim, as cartas produzem uma literatura de si que contém o germe desestabilizador que perpassa a “literatura menor” e exibem dois aspectos politicamente importantes: o caráter intersubjetivo da produção da subjetividade e o estatuto ético e estético da fabricação de “si” mesmo.

Creio que contemporaneamente, ou seja, de “amizade em tempos sombrios”, a compreensão da literatura de si extraídas das correspondências como uma literatura menor e como cuidado de si não é uma má notícia. Isso porque essas noções nos sensibilizam, talvez hoje mais do que em qualquer outra circunstância, que o “mais profundo é pele”, como escreveu lapidamente Paul Valéry, e, sobretudo, que é possível esculpirmos a nós mesmos de maneira ética e estética mediante nossa relação com outro, para agirmos no espaço público como se deve, isto é, eticamente. Esse legado é especialmente atraente para todas(os) aquelas(es) que continuam a acreditar no mundo e no dever revolucionário do indivíduo.

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Anita Malfatti – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB) - USP. *Cartas de Mário Andrade a Anita Malfatti*.

Arquivo Mário de Andrade – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB) - USP. Série correspondência passiva. *Cartas de Anita Malfatti*.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. *Querida Henriqueta. Cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa*. Ed. Prep. Por Pe. Lauro Palú. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

ANDRADE, 1989. *Cartas a Anita Malfatti (1921-1939)*. Ed. prep. Por Marta Rosseti Batista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvin, 2003.

_____. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992.

_____. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1996. v. 4.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

IONTA, Marilda. *As cores da Amizade: cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

MOREY, Miguel. (Org.). *Tecnologias del yo, y otros textos afines*. Barcelona: Paidós, 1990.

ORTEGA, Francisco. “Da ascese à bio-ascese ou do corpo submetido à submissão ao corpo.” In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luis. B; VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonância nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 139-173.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SCHOLLAMMER, Karl Eric. As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema Deleuze e Guatarri. *Ipotesi*, Juiz de Fora v. 5, n.2, p. 59-70, 2001.